

Ministério quer vacinar mais de 20 milhões de adolescentes contra HPV

O Ministério da Saúde iniciou hoje (4) uma campanha publicitária para impulsionar a vacinação de adolescentes contra o HPV. A convocação tem como alvo 20,6 milhões de meninas de 9 a 14 anos e meninos de 11 a 14 anos. Eles devem ir aos postos de saúde para se imunizar pela primeira vez ou tomar a segunda dose da vacina e completar a proteção contra o HPV.

(Agência Brasil, 04/09/2018 - [acesse no site de origem](#))

O vírus HPV (Papilomavírus Humanos) é sexualmente transmissível e infecta pele e mucosas da boca ou das áreas genital e anal provocando verrugas e diferentes tipos de cânceres em homens e mulheres (côlo do útero, anal, pênis, vagina, orofaringe).

Segundo o ministério, cerca de 30% dos tumores provocados por vírus no mundo são causados pelo HPV.

Para esta nova etapa da campanha, foram investidos R\$ 567 milhões para adquirir 14 milhões de vacinas. Na etapa anterior, mais de 63% das meninas de 9 a 14 anos já foram imunizadas com a primeira dose e 41% das crianças receberam a segunda dose.

No caso dos meninos, cerca de 2,6 milhões receberam a primeira dose (35,7% do público-alvo), e 911 mil (13%) já receberam a segunda dose.

Duas doses

O Ministério da Saúde alerta que a cobertura contra o HPV só está completa com as duas doses. O intervalo entre a primeira e a segunda dose da vacina é de seis meses.

A pasta assegura que a vacina não aumenta o risco de eventos adversos graves, aborto ou interrupção da gravidez.

A vacinação tem impacto significativo na redução da incidência do HPV, como nos Estados Unidos, que reduziram em 88% as taxas de infecção oral pelo vírus com imunização, disse o Ministério da Saúde.

Esclarece ainda que a vacina não é eficaz para tratamento de infecções ou lesões por HPV já existentes.

A campanha deste ano tem como tema “Não perca a nova temporada de Vacinação contra o HPV” e será veiculada até 28 de setembro por meio de várias peças.

As escolas receberão material informativo para que professores, alunos e familiares possam debater sobre as doenças.

No Brasil, estima-se que a prevalência do HPV é de 54,3%, sendo que mais de 37% têm HPV de alto risco para câncer, de acordo com pesquisa preliminar feita pelo Ministério da Saúde, universidades e secretarias municipais de saúde das capitais.

Os resultados finais deste estudo serão divulgados até o fim do ano.

Pesquisa preliminar aponta que 54,6% dos brasileiros de 16 a 25 anos têm HPV

Estudo é composto por 5.812 mulheres e 1.774 homens. Foram incluídos dados de 119 UBS e um Centro de Testagem e Aconselhamento das 26 capitais e do DF. Salvador aparece como cidade com maior índice: 71,9%.

(Bem Estar, 27/11/2017 - acesse no site de origem)

Dados preliminares de um estudo divulgado nesta segunda-feira (27) pelo [Ministério da Saúde](#) apontam uma prevalência de 54,6% de casos de HPV entre a população brasileira de 16 a 25 anos, sendo que 38,4% são de tipos de alto risco para o desenvolvimento de câncer.

A infecção por HPV (papilomavírus humano) é associada a vários tipos de câncer, principalmente ao de colo de útero, mas também de pênis, de vulva, de canal anal e de orofaringe, e é de tratamento complicado.

As relações sexuais são a principal forma de transmissão do vírus, mas ele também pode ser disseminado pelo sangue, por roupas ou objetos contaminados (como toalhas, roupas íntimas ou sabonetes), pelo beijo e durante o parto.

A doença causa feridas principalmente na região genital, mas também em outras partes do corpo, como pernas e braços. O maior perigo está nas verrugas que aparecem internamente, perto do útero, que não são visíveis e, sem tratamento, podem levar ao câncer.

Em junho deste ano, o governo federal anunciou a ampliação do público-alvo para a vacinação contra a doença: [meninos de 11 a 15 anos agora podem receber uma dose](#).



Vacina de HPV está disponível na rede pública de saúde (Foto: Ascom Sespa)

Estudo

A amostra do estudo é composta por 5.812 mulheres e 1.774 homens com 16 a 25 anos, sendo a média de idade de 20,6 anos. O grupo foi entrevistado e fez exames. Foram incluídos dados de 119 Unidades Básicas de Saúde (UBS) e um Centro de Testagem e Aconselhamento das 26 capitais e do Distrito Federal.

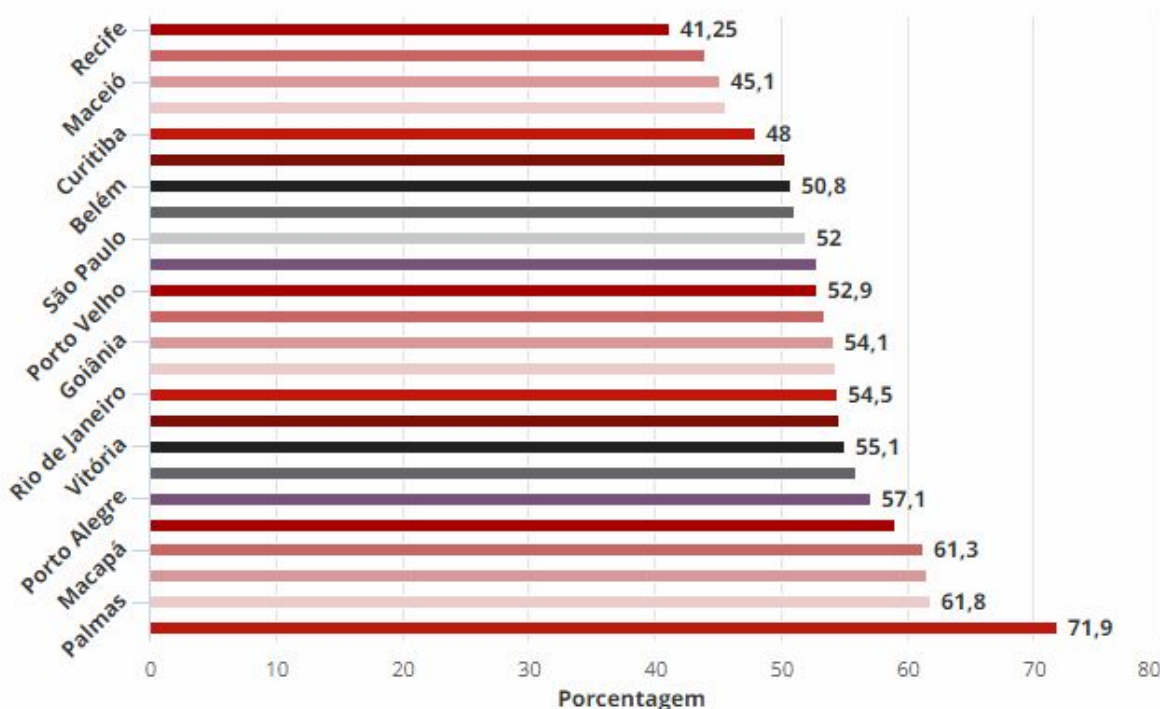
O ministério contou com o apoio do Hospital Moinhos do Vento, em [Porto Alegre](#), para planejar a pesquisa.

Por enquanto, os resultados são preliminares e produzidos por meio de estimativa. O resultado laboratorial foi dado para 35,2% das amostras para o HPV - de onde se extraiu a informação de que 54,6% dos participantes têm a doença. Como alguns municípios ainda não encerraram as coletas, essa porcentagem pode mudar até o fim do estudo. O relatório deve ser totalmente encerrado e divulgado em março de 2018.

“Todo mundo passou pela coleta, mas uma parte ainda não foi analisada. Esse dado pode ter uma pequena variação não maior que 2 pontos percentuais, é isso que a gente estima. De qualquer maneira, é um número muito alto, mesmo se for de 54% para 52%”, disse a coordenadora do estudo, a médica Eliana Wendland.

Resultado preliminar da prevalência de HPV por capital

Passa o mouse sobre as linhas para ver os valores de todas as cidades



Fonte: Ministério da Saúde

Como foi feito

Os pesquisadores coletaram amostras genitais e orais para determinar a prevalência do HPV, objetivo principal do estudo. Também foram analisadas variáveis sociodemográficas, consumo de drogas lícitas e ilícitas, comportamento sexual e saúde reprodutiva e infecções sexualmente transmissíveis, como HIV e sífilis, por meio das entrevistas.

“Fizeram teste rápido de HIV e sífilis, isso foi feito no mesmo momento da entrevista nas unidades de saúde”, explicou Wendland. O estudo apontou que 16,1% da população avaliada já tinha alguma DST (Doença Sexualmente Transmissível) prévia ou apresentou resultado positivo para HIV e sífilis.

Estavam namorando 41,9% e 33,1% eram casados no momento da coleta. Eram solteiros 24,2% e apenas 0,7% eram divorciados. Em média, os participantes fizeram sexo pela primeira vez aos 15,3 anos – mulheres aos 15,4 anos e homens aos 15 anos.

Metade dos indivíduos (51,5%) disse usar camisinha na rotina sexual. Apenas 41,1% usou na última vez que fez sexo. O comportamento sexual de risco foi observado em 83,4% dos entrevistados.

A pesquisa é uma parceria com várias instituições: Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Universidade de São Paulo, Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC, sigla em inglês), Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres, secretarias municipais de saúde de todas as capitais do Brasil e Unidades Básicas de Saúde. Mais de 250 profissionais de saúde colaboraram.

Seis doenças sexualmente transmissíveis em alta entre jovens brasileiros; saiba como evitá-las

Com cada vez mais jovens fazendo sexo de forma desprotegida, o número de ocorrências de doenças sexualmente transmissíveis tem aumentado consideravelmente no Brasil, na esteira do que já acontece no mundo.

[\(BBC, 26/02/2017 - Acesse o site de origem\)](#)

Segundo dados do Ministério da Saúde, 56,6% dos brasileiros entre 15 e 24 anos usam camisinha com parceiros eventuais.

A falta de prevenção no início da vida sexual vem preocupando o órgão, afirma Adele Schwartz Benzaken, diretora do Departamento de Infecções Sexualmente Transmissíveis, Aids e Hepatites Virais.

“Nos últimos anos, temos observado que a população mais jovem está reduzindo o uso do preservativo”, diz ela à BBC Brasil.



Ministério da Saúde constata menor uso de preservativo e maior contágio de HIV entre jovens/Reuters23

Mas é no Carnaval que as campanhas de prevenção se intensificam. Até o fim da festa, peças

publicitárias do governo estarão em TVs, revistas e redes sociais propagando o slogan “No carnaval, use camisinha - e viva essa grande festa!”.

As campanhas miram, sobretudo, o alto número de pessoas no Brasil que têm HIV mas ainda não sabem - aproximadamente 112 mil brasileiros - e os cerca de 260 mil que vivem com o vírus mas ainda não se tratam, aumentando o risco de propagação da doença.

Apesar de o principal foco continuar sendo a prevenção de HIV/Aids, especialistas alertam para o risco de propagação de outras doenças, como HPV, herpes genital, gonorreia, hepatite B e C e, especialmente, sífilis.

Saiba mais sobre cada doença abaixo. Todas podem ser evitadas com o uso do preservativo.

HIV/Aids

O vírus da imunodeficiência humana é o causador da Aids, que ataca o sistema imunológico e derruba o sistema de defesa do organismo.

No Brasil, a epidemia de HIV/Aids é considerada estabilizada, mas vem avançando entre os mais jovens.

Na última década, o índice de contágio mais que dobrou entre jovens de 15 a 19 anos, passando de 2,8 casos por 100 mil habitantes para 5,8 casos.

Também aumentou na faixa etária entre 20 a 24 anos, chegando a 21,8 casos a cada 100 mil habitantes.

“Isso mostra que nossa população jovem está mais vulnerável ao HIV e precisa acessar mais conhecimento e os serviços de saúde para se testar”, afirma a infectologista Brenda Hoagland, pesquisadora do Laboratório de Pesquisa Clínica em DST e AIDS do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz).

“Como a nova geração não assistiu à epidemia quando o HIV ainda não tinha tratamento, é possível que não tenha uma percepção sobre a gravidade do HIV, o que aumenta nossa responsabilidade de informar sobre sobre riscos e prevenção”, acrescenta ela.



Governo quer distribuir 74 milhões preservativos masculinos e 3,1 milhões femininos no Carnaval/ AFP

Atualmente, cerca de 827 mil pessoas vivem com o HIV no país, e aproximadamente 112 mil brasileiros têm o vírus, mas não o sabem.

O tratamento contínuo ao HIV pode controlar a doença, garantir a sobrevivência dos infectados e tornar o vírus indetectável (o que equivale a prevenir a transmissão com uma segurança de 96%). Mas não pode curá-la. O teste rápido costuma detectar a infecção cerca de 15 dias após o contágio.

As campanhas costumam focar no uso da camisinha como método de prevenção, mas é essencial conhecer também a proteção disponível para casos de relação de risco desprotegidas, frisa Brenda - a chamada profilaxia pós-exposição, ou PEP, um conjunto de medicamentos contra o HIV que devem ser ingeridos por 28 dias no período imediatamente após o possível contágio.

“Se uma pessoa teve uma relação sexual desprotegida em que suspeite de risco para o HIV, ela deve procurar um serviço de saúde até no máximo 72 horas após a relação. Ou seja, se a camisinha rompeu ou deixou de ser usada, a pessoa pode buscar o atendimento numa emergência e o serviço é gratuito”, ressalta a infectologista, acrescentando que quanto mais cedo se inicia o tratamento dentro dessas 72 horas, maiores suas chances de eficácia.

Sífilis

Transmitida pela bactéria *Treponema pallidum*, a infecção apresenta diferentes estágios, do primário ao terciário, e tem maior potencial de infecção nas duas primeiras fases, que costumam ocorrer até 40 dias após o contágio. É transmitida por relações sexuais ou pode ser passada da gestante para o bebê.

“A sífilis congênita, que é notificada compulsoriamente no Ministério da Saúde, é transmitida de mãe para filho e teve aumento de quase 200% ao longo dos últimos dois anos”, alerta a

infectologista Brenda Hoagland, do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz).

Os sintomas são feridas na região genital (na fase primária) e manchas no corpo que sugerem uma alergia (na fase secundária). O tratamento da doença é gratuito na rede pública, feito com penicilina.



Ministério da Saúde aponta aumento de quase 200% em casos de sífilis congênita nos últimos dois anos/ AG Brasil

O problema é que os sintomas podem se curar sozinhos e passar despercebidos.

“O fato de uma pessoa não ter mais sintomas não significa que esteja curada. Esse é o grande problema e faz com que o diagnóstico esteja muito abaixo do necessário”, avisa Brenda.

A sífilis terciária pode aparecer de dois a quarenta anos após o início da infecção, podendo causar lesões neurológicas, cardiovasculares e levar à morte.

“Pessoas com vida sexual ativa e que tenham relações desprotegidas devem fazer o teste para a sífilis independentemente dos sintomas, da mesma forma que devem fazer testes para o HIV e serem vacinadas contra Hepatite B”, recomenda Brenda, lembrando que a sífilis aumenta o risco de infecção por HIV.

O acompanhamento da gestante no pré-natal também é fundamental para evitar a transmissão da doença para o bebê.

A sífilis pode levar à má-formação do feto, surdez, cegueira e deficiência mental.

HPV

O Papilomavírus Humano existe com mais de 200 variações e se manifesta por meio de formações verrugosas – que podem aparecer no pênis, vulva, vagina, ânus, colo do útero, boca ou garganta.

O sexo é a principal forma de transmissão do HPV, seja pelo coito ou pelo sexo oral.

O HPV é uma preocupação grave de saúde pública pelo potencial de alguns tipos do vírus causarem câncer, principalmente no colo do útero e no ânus, mas também na boca e na garganta, que vêm aumentando entre os jovens.

O vírus pode ficar latente por períodos prolongados sem que haja sintomas, e é difícil erradicar a infecção por completo.

Por isso, especialistas recomendam que mulheres em idade reprodutiva façam exames preventivos anuais no colo do útero para monitorar o aparecimento de possíveis lesões que antecedem o câncer e que podem ser tratadas.



Apenas 56,6% dos jovens brasileiros usam camisinha com parceiros eventuais/ AFP

A infectologista Brenda Hoagland, do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz), estende a recomendação a homens que fazem sexo anal desprotegido, e devem fazer exames preventivos na região anal e no reto.

No fim do ano passado, o Ministério da Saúde anunciou que a vacina quadrivalente que protege contra quatro tipos de HPV passaria a ser oferecida também para meninos, na faixa de 12 a 13 anos. Até agora, a vacina só era disponibilizada para meninas de 9 a 13 anos.

Gonorreia

A doença é causada pela bactéria *Neisseria gonorrhoeae*, que infecta sobretudo a uretra.

O sintoma mais comum é a presença de corrimento na região genital, mas a infecção pode causar dor ou ardor ao urinar, dor ou sangramento na relação sexual e, nos homens, dor nos testículos. A maioria das mulheres infectadas não apresenta sintomas.

O tratamento é feito com antibiótico e deve ser estendido ao parceiro, mesmo que este não tenha sintomas.

Quando não tratada, a infecção pode atingir vários órgãos, como o testículo, nos homens, e o útero e as trompas, nas mulheres, e pode causar infertilidade e complicações graves.

Herpes genital

Transmitido pela relação sexual com uma pessoa infectada, o vírus do herpes causa pequenas bolhas e lesões dolorosas na região genital masculina e feminina.

As feridas podem acompanhar ardor, coceira, dor ao urinar e mesmo febre, e os sintomas podem reaparecer ou se prolongar quando a imunidade está baixa.

“O herpes não tem cura. A partir do momento que você tem uma infecção, você ter vários episódios ao longo da vida. A única forma de prevenção é o preservativo”, ressalta a infectologista Brenda Hoagland, da Fiocruz.



Hoje, cerca de 827 mil pessoas vivem com HIV no Brasil e cerca de 112 mil brasileiros têm vírus mas não sabem

Além do incômodo causado pelas lesões, o herpes pode facilitar a entrada das outras doenças sexualmente transmissíveis.

Os portadores do vírus devem ter cuidado redobrado para não transmiti-lo, o que ocorre principalmente quando as feridas estão presentes, mas pode também ocorrer na ausência das lesões ou quando elas já estão cicatrizadas.

A doença pode ter consequências graves durante a gravidez, podendo provocar aborto e trazer sérios riscos para o bebê.

Hepatite B ou C

No Brasil, as formas virais mais comuns de hepatite ou inflamação do fígado são as causadas pelos vírus A, B ou C.

A hepatite B é transmitida sexualmente, e também por transfusão de sangue e compartilhamento de material para uso de drogas, entre outros.

As mesmas formas valem para a hepatite C, mas a transmissão sexual é mais rara, por isso, ela não é considerada propriamente uma infecção sexualmente transmissível.

De acordo com o Ministério da Saúde, milhões de brasileiros são portadores dos vírus B ou C e não sabem.

Correm, assim, o risco de desenvolver a doença crônica e ter graves danos ao fígado, como cirrose e câncer.

A vacina contra a hepatite B é gratuita e disponível na rede pública. O diagnóstico é feito por meio de exame de sangue e o tratamento pode combinar medicamentos e corte de bebidas alcoólicas.

Os sintomas para ambas as doenças são raros, mas podem incluir cansaço, tontura, enjoos e pele e olhos amarelados.

Como a doença é considerada “silenciosa”, é indicado realizar exames de rotina que detectam todas as suas formas.

Ainda não há vacina para a hepatite C.

HPV: duas doses da vacina garantem proteção contra o vírus

Existem mais de 150 subtipos de HPV (papilomavírus humano). Alguns como o HPV-6 e HPV-11 causam somente verrugas genitais. Outros como HPV-16 e o HPV-18 podem levar ao aparecimento de alguns tipos de câncer. O HPV é transmitido principalmente na relação sexual, por isso o uso de preservativo é fundamental. Também existe vacina contra o vírus. A que o SUS oferece para meninas de 9 a 14 anos e meninos de 12 a 13 anos é a quadrivalente, que protege desses 4 subtipos. Mas para a eficácia chegar a 98%, é necessário tomar duas doses da vacina. “Anteriormente 3 doses eram indicadas. Mas estudos confirmaram que duas já teriam eficácia. É importante ressaltar que não há pesquisas que indiquem que apenas uma dose seja suficiente para garantir a proteção. Então tem que tomar as duas doses”, explica o oncologista Fernando Maluf, um dos fundadores do Instituto Vencer o Câncer.

(Estadão, 16/02/2017 - acesse no site de origem)

A vacina está disponível em postos de saúde para os meninos de 12 a 13 anos desde o início do ano. Meninas de 9 a 13 anos já são imunizadas na rede pública desde 2014 e agora foram incluídas na campanha as adolescentes de 14 anos. As duas doses devem ser ministradas com um intervalo de 6 meses entre elas. A professora Luciana Santos tem um filho de 12 anos, que já tomou a primeira dose. “Nós explicamos para ele a importância da vacina e a médica dele

também orientou. Antes, eu achava que as duas doses eram só para as meninas. Agora sei que depois de seis meses ele terá de tomar mais uma dose para ficar protegido” comenta.

A psicopedagoga Cristiane Biasse Marchi tem uma filha de 11 anos que já tomou as duas doses. “Quando ela tinha 9 anos, o pediatra sugeriu que ela tomasse. Na época, houve também uma conversa sobre o assunto na escola que ela estudava. Alguns pais optaram em não dar, outros em dar. Nós demos quando ela fez 11 anos porque sabemos que o HPV pode provocar [câncer de colo de útero](#)”, conta.

A imunização é recomendada nessa faixa etária determinada pelo Ministério da Saúde porque nessa idade meninos e meninas ainda não tiveram o primeiro contato sexual e, portanto, não foram expostos ao vírus. Nas mulheres, o HPV aumenta o risco, principalmente, de câncer de cólo de útero. Também está relacionado a tumores na vagina, vulva, ânus, orofaringe e boca. “Os meninos devem ser imunizados porque a vacina diminui as chances de doenças como câncer de pênis, garganta e do canal anal. Da mesma forma, evita a transmissão do HPV às meninas”, explica o oncologista Fernando Maluf.

“A princípio, eu achava que era importante que ele (filho) tomasse para evitar a contaminação das meninas. Depois, pesquisando, soube que é importante também para ele porque previne alguns tipos de câncer nos meninos”, acrescenta Luciana Santos.

A vacina aplicada no Brasil é recomendada pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Até 2020, o Ministério da Saúde pretende ampliar gradativamente a faixa etária dos meninos para 9 a 13 anos.

[Infecção pelo HPV aumenta risco de transmissão da AIDS, aponta agência da ONU](#)

Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) alertou na semana passada para os vínculos entre a epidemia de HIV, as infecções pelo papilomavírus humano e a incidência de câncer do colo de útero, que mata cerca de 250 mil mulheres por ano. Em países de média e baixa renda, mulheres vivendo com o vírus da AIDS têm chances até cinco vezes maiores de desenvolver o tumor.

[\(ONU BR, 07/02/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Cerca de 500 mil mulheres são diagnosticadas anualmente com câncer do colo de útero. Metade dessas pacientes morrem por causa da doença. Nove em cada dez vítimas fatais desse tipo de tumor são de países de média e baixa renda. Entre a população dos países em desenvolvimento, há um grupo ainda mais vulnerável — o de mulheres vivendo com HIV, que têm até cinco vezes mais chances de desenvolver a patologia do que as que não têm o vírus.

Os números são do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS), que alertou na semana passada (4) para os riscos específicos da população feminina que vive com o HIV.

A agência da ONU lembrou que a maioria dos casos de câncer do colo de útero são causados pelo papilomavírus humano (HPV). O tumor é o segundo mais comum entre mulheres de nações em desenvolvimento.

Pessoas com sistemas imunológicos saudáveis têm grande probabilidade de eliminar a infecção pelo HPV ao longo do tempo. No entanto, as mulheres vivendo com HIV geralmente têm as defesas de seu organismo fragilizadas — o que dificulta a cura do HPV. O UNAIDS alerta que a infecção pelo papilomavírus aumenta significativamente o risco de transmissão do HIV, tanto para homens quanto para mulheres.

O programa da ONU fez um apelo à comunidade internacional para que invista em educação sobre saúde, na vacinação de meninas adolescentes contra o HPV e em serviços de testagem.

Estratégias de saúde pública também devem incluir aconselhamento e disponibilização de tratamento, quando necessário. O UNAIDS acredita que as iniciativas já existentes para combater o HIV poderiam desempenhar um papel vital na expansão da prevenção do câncer do colo de útero.

[Ampliar acesso à vacina de HPV é chave para prevenir câncer cervical](#)

Por ano, 250 mil mulheres morrem deste tipo de câncer, sendo que 85% das fatalidades acontecem em países de rendas baixa e média; na América Latina, 80% das meninas recebem a vacina, mas índice precisa alcançar mais países.

[\(Rádio ONU, 02/02/2017 - acesse no site de origem\)](#)

A Organização Mundial da Saúde, OMS, revela que o câncer cervical mata mais de 250 mil mulheres por ano, sendo que 85% das mortes ocorrem em países de média e baixa rendas.

Este tipo de câncer é o quarto mais comum entre mulheres do mundo todo. A prevenção é possível com medidas adequadas, como vacinar as meninas contra o papilomavírus humano, HPV, além dos testes para detectar lesões pré-cancerosas em mulheres.

Diferenças

A Agência Internacional para a Pesquisa sobre Câncer, Iarc, que faz parte da OMS, destaca que nos países ricos, os testes de prevenção são comuns e com isso, os casos de câncer cervical e a taxa de mortalidade diminuíram bastante.

Mas em nações em desenvolvimento, onde acontece a maioria dos casos, o controle do câncer

cervical muitas vezes não é visto como prioridade, lamenta a Iarc.

Na América Latina, 80% das garotas já têm acesso à vacina contra o HPV, graças ao compromisso dos governos federais. Em países pobres da Ásia e da África, a situação é bem diferente, porque as vacinas não estão disponíveis para todas.

Preço

A Iarc cita algumas barreiras para a popularização da vacina contra o HPV: falta de vontade política em tornar a medida prioridade, alto custo das vacinas e fraca infraestrutura dos sistemas de saúde.

O especialista em controle do câncer da Iarc, Rengaswamy Sankaranarayanan, declarou que “o câncer cervical é a doença das pobres” e lembrou que em muitos países, as mulheres são vistas como uma parte menos importante da população, por isso existem poucos investimentos para combater os casos.

A Iarc faz várias pesquisas sobre a eficácia de uma dose única de vacina e também investiga como aumentar o acesso e reduzir os custos. A vacina contra HPV é indicada para meninas entre 9 e 14 anos de idade e pelo menos duas doses são recomendadas.

O alerta sobre o câncer cervical é feito às vésperas do Dia Mundial de Combate ao Câncer, marcado todos os anos em 4 de fevereiro.

Leda Letra

Médicos alertam para índices crescentes de HIV e HPV entre jovens, hepatite B e sífilis

(O Globo, 17/04/2016) *Mais da metade da população brasileira admite não usar camisinha*

Não são poucos os indícios de que, outrora causadoras de pânico, as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), hoje, parecem já não assustar. Grande sinal disso é que o uso de preservativos, principal forma de evitar essas infecções, torna-se cada vez menos popular: mais da metade da população sexualmente ativa admite não usar camisinha, mesmo que 95% reconheçam sua eficácia. Como consequência, a transmissão de hepatite B na população brasileira cresceu 74% desde 2004, e a transmissão de HIV na faixa de 15 a 19 anos aumentou 53% na última década. Enquanto isso, o estoque da vacina contra o papilomavírus humano (HPV) — um dos principais causadores de câncer de colo do útero —, oferecida pela rede pública a meninas de 9 a 13 anos, está sobrando nos postos. A imunização só atingiu 44,23% dessas meninas este ano, índice bem longe da meta de 80%. E há, ainda, a assustadora epidemia de sífilis, que assola principalmente o Rio, estado com o maior número de casos da doença em gestantes e recém-nascidos.

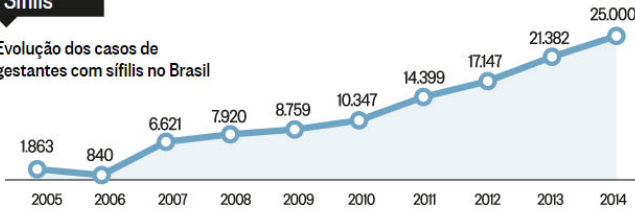
Leia mais: [Mulher receberá indenização de ex-companheiro que transmitiu o vírus HIV Justiça em Foco, 15/04/2016](#)

— Perdemos o medo das DSTs. A Aids, por exemplo, passou de uma doença que levava à morte muito rapidamente para uma doença crônica, tratável. Os jovens de hoje não chegaram a ver seus ídolos morrendo por causa dela — disse Alberto Chebabo, infectologista do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, da UFRJ.

DOENÇAS EM NÚMEROS

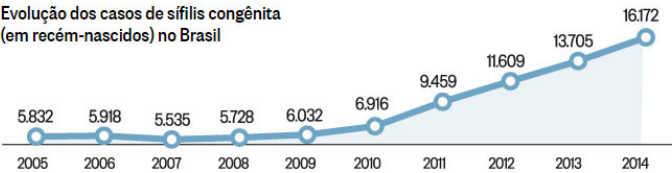
Sífilis

Evolução dos casos de gestantes com sífilis no Brasil



até 2005, a notificação de sífilis em gestantes na rede de saúde não era obrigatória

Evolução dos casos de sífilis congênita (em recém-nascidos) no Brasil



HIV/Aids

Taxa de detecção de HIV na população do Brasil A CADA 100 MIL

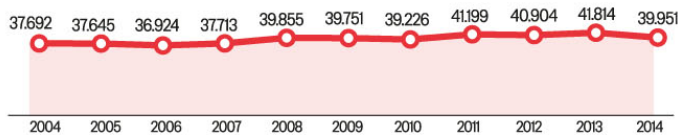


Taxa de detecção de HIV entre jovens de 15 a 24 anos no Brasil A CADA 100 MIL



ESTA FAIXA ETÁRIA TEVE MAIOR CRESCIMENTO

Evolução dos casos de Aids notificados no Brasil



HPV

Este ano, até 14 de abril, 2,2 milhões de meninas foram imunizadas pela vacina do HPV, correspondendo a 44% do público-alvo. A meta é chegar a 80%

*a notificação compulsória de HPV só começou em 2015

A vacina protege contra os tipos de HPV que causam 70% dos casos de câncer de colo do útero e 90% das ocorrências de verrugas genitais

75%

das mulheres sexualmente ativas entrarão em contato com o HPV ao longo da vida

95%

delas desenvolvem imunidade naturalmente

5%

correm risco de, num período de dois a dez anos, terem câncer de colo do útero

Hepatite B

15 milhões de pessoas

estão expostas ao vírus da hepatite B, segundo estimativa no Brasil: 7,4% da população

1%

destes não apresentam cura espontânea

500 mortes

são causadas pela doença a por ano no país

Evolução dos casos



Chebabo foi um dos palestrantes da última edição do Encontros O GLOBO Saúde e Bem-Estar, na última quarta-feira, dia 13, que discutiu as DSTs e contou também com a presença da ginecologista Cláudia Jacyntho, doutora pela Unicamp, e do cardiologista Cláudio Domenico, coordenador do evento, mediado pelo jornalista do GLOBO, William Helal Filho.

Se, por um lado, a perda do medo dessas doenças é positiva porque tira o estigma associado a quem tem uma DST, por outro é usada como justificativa para deixar a camisinha de lado.

— O mais complexo na medicina é convencer o ser humano a mudar de comportamento — avalia Domênico. — Para muitos males, como sífilis, HIV e gonorreia, não há sequer vacinas. Então, a melhor saída é usar preservativo. Prevenir é sempre melhor do que remediar.

QUEDA NA PROCURA POR VACINA CONTRA HPV

Nos últimos dois anos, o Brasil conheceu uma nova forma de prevenção com a vacina quadrivalente do HPV, que protege contra os sorotipos 6, 11, 16 e 18. Os dois primeiros são responsáveis por 90% dos casos de verrugas genitais, enquanto os dois últimos causam 70% das ocorrências de câncer de colo do útero. O esforço federal de vacinação tem como meta frear as atuais estimativas do Instituto Nacional do Câncer (Inca), que prevê o surgimento de 16 mil novos casos de tumor de colo do útero em 2016, e 5,4 mil mortes pela doença.



Menina de 9 anos recebe vacina quadrivalente contra o HPV em um posto de saúde da Tijuca, no Rio (Foto: Gabriel de Paiva / Agência O Globo)

A campanha foi feita na primeira quinzena deste mês, e a vacina está disponível até o fim do ano em postos de saúde, mas em unidades como o Centro Municipal Heitor Beltrão, na Tijuca, a procura é cada vez menor. Se cerca de cinquenta doses eram dadas por dia em 2014, ano em que ela entrou no Calendário Nacional de Vacinação destinada somente a meninas de 11 a 13

anos, hoje é aplicada em duas garotas por dia, em média, segundo enfermeiras da unidade.

— O HPV, ao lado da herpes genital, é a virose sexual transmitida com maior frequência. E o ápice da transmissão é abaixo dos 25 anos — contou Cláudia Jacyntho, em sua palestra. — É preciso lembrar, claro, que o HPV, sozinho, não causa câncer. A grande maioria das mulheres entra em contato com ele, mas desenvolve imunidade natural. Para chegar a ter câncer, são necessários outros fatores, como tabagismo e baixa imunidade.



Debate sobre DSTs no Encontro O Globo de Saúde e Bem-estar, com a ginecologista Cláudia Jacyntho e o infectologista Alberto Chebabo (à dir.), com mediação do jornalista William Helal Filho e do cardiologista e coordenador do evento, Cláudio Domênico (Foto: Leo Martins / Agência O Globo)

Muitas dessas doenças só apresentam sintomas quando já estão em estágio avançado. A sífilis, por exemplo, pode levar a problemas cardíacos, meningite e até à loucura. E, contraída por grávidas, pode causar malformações nos bebês. De 2008 a 2013, o número de grávidas infectadas no Brasil saltou de menos de 10 mil para 21.382 — 7,4 casos para cada mil nascidos vivos. No ano seguinte, já eram mais de 25 mil casos diagnosticados.

— A sífilis só começa a dar sinais visíveis nas mulheres quando está na fase secundária — explicou Alberto Chebabo. — Se a doença chegar à fase terciária, ameaça causar, anos depois, problemas como demência e malformação na aorta, principal artéria do corpo.

MILHÕES DE INFECTADOS POR CLAMÍDIA E GONORREIA

Outras doenças transmitidas por sexo são mais comuns do que se pode pensar. A clamídia, por exemplo, afeta 1,9 milhão de pessoas a cada ano no país e a gonorreia, 1,5 milhão, de acordo com estimativa da Organização Mundial da Saúde.

— A clamídia é assintomática em 70% das vezes, e a gonorreia, em 40%. E, mesmo quando dão sintomas, é comum as mulheres acharem que estão com infecção urinária — disse Cláudia Jacyntho.

Clarissa Pains

Acesse o PDF: [Médicos alertam para índices crescentes de HIV e HPV entre jovens, hepatite B e sífilis \(O Globo, 17/04/2016\)](#)

Campanha de vacinação contra HPV começa nos postos de saúde

(O Globo, 01/03/2016) *Especialista defende vacinação contra o HPV também em meninos*

Começou a Campanha de Vacinação contra o HPV, usada na prevenção do câncer de colo de útero. Meninas com idade entre 9 e 13 anos poderão receber a primeira dose nas unidades da clínica da família, centros municipais de saúde e nas escolas municipais do Rio de Janeiro. Este ano, a vacinação acontece em duas doses, com a segunda aplicada seis meses depois da primeira.

A eficácia da vacinação é comprovada na prevenção das mulheres que ainda não tiveram nenhum contato com o vírus. O virologista alemão e Prêmio Nobel de Medicina Harald zur Hausen é um dos defensores da vacina contra o HPV como forma de reduzir a incidência do câncer de colo do útero e de outros tumores, como o de laringe.

O especialista classificou como “exagerados” os temores os efeitos colaterais da vacina. No final do ano passado, o Ministério Público Federal, em Minas Gerais, entrou com uma ação para proibir a vacinação em todo o país. Segundo o órgão, a imunização teve alta taxa de reações adversas em vários países e há relatos de problemas neurológicos causados pela vacina em Minas Gerais.

— Não há evidências de que a vacina cause efeitos colaterais no sistema nervoso. Isso está ligado à Síndrome de Guillain-Barré que acontece, infelizmente, em um determinado número de pessoas em todos os lugares do mundo. Estudos mostram que a Síndrome de Guillain-Barré não é mais frequente em garotas vacinadas do que na população não vacinada — destacou.

Em visita ao Brasil, na semana passada, ele destacou que a imunização deveria ser estendida inclusive aos meninos, já que o HPV é transmitido sexualmente.

— Eu digo muitas vezes, como provocação, que se você só vacinas os meninos, você provavelmente vai prevenir mais casos de câncer do colo do útero do que vacinando somente as meninas — comentou ele, ressaltando que, na maioria dos países, os homens tende, a ter mais parceiros e parceiras sexuais do que as mulheres.

Acesse o PDF: [Campanha de vacinação contra HPV começa nos postos de saúde \(O Globo,](#)

[Vacina reduz infecções por HPV em mais de 60%](#)

(O Globo, 23/02/2016) Apesar dos resultados favoráveis, imunizante ainda enfrenta preconceito

O número de adolescentes com infecção por papilomavírus humano (HPV) caiu em cerca de 60% desde a introdução de uma vacina, em 2006, de acordo com um estudo publicado na próxima edição da revista "Pediatrics". Os resultados divulgados esta segunda-feira sugerem que o produto tem um efeito poderoso, mesmo sem uma adoção generalizada.

Leia mais: [Especialistas pedem implantação no Brasil de profilaxia para prevenção da Aids \(Agência Brasil, 25/02/2016\)](#)

A vacina contra o HPV, também chamada Gardasil, protege contra quatro estirpes diferentes do vírus que são conhecidos principalmente por causar câncer cervical. Antes da vacina, cerca de uma em cada dez meninas no fim da adolescência carregavam uma destas estirpes de alto risco; agora, isso ocorre em apenas 4% dos casos.

As quatro estirpes também tornaram-se menos comuns em mulheres com pouco mais de 20 anos, um grupo com baixa taxa de vacinação. Hoje, somente 12% delas têm as quatro estirpes mais perigosas — eram 19% antes da introdução da vacina. As mulheres vacinadas foram as mais beneficiadas. Nelas, a prevalência de HPV foi menor no que nas demais.

Estas estatísticas não são as únicas favoráveis à vacina. Em 2013, autoridades da área de saúde nos EUA apontaram a Gardasil como a responsável pelo corte pela metade da prevalência de HPV em adolescentes.

Muitas jovens, porém, ainda não estão recebendo o imunizante. A droga é administrada em três doses diferentes. Em 2014, cerca de 60% das adolescentes receberam pelo menos uma dose da vacina, enquanto apenas 40% receberam todas as recomendadas. Os índices são ainda piores entre os rapazes, que muitas vezes são portadores do HIV. Entre eles, 20% tiveram todas as doses da vacina.

A baixa taxa de imunização é atribuída a "lacunas de conhecimento" entre os pais — especialmente o mito de que a vacina promove o comportamento sexual de risco das adolescentes. Outros acreditam que a vacina não é segura, embora a droga raramente esteja associada a efeitos adversos à saúde.

Acesse o PDF: [Vacina reduz infecções por HPV em mais de 60% \(O Globo, 23/02/2016\)](#)



Vacina contra HPV para adolescentes passa a ter uma dose a menos

(Agência Brasil, 05/01/2016) A vacina contra o papiloma vírus humano (HPV) vai passar a ter apenas duas doses, em vez de três, para meninas entre 9 e 11 anos. Esta é uma das mudanças anunciadas pelo Ministério da Saúde no calendário de vacinação da rede pública, que já estão valendo.

Segundo a pasta, estudos recentes mostram que a resposta de anticorpos com duas doses não é inferior à aplicação de três. Já as mulheres entre 9 e 26 anos que têm HIV devem continuar recebendo o esquema de três doses da vacina contra o HPV.

Para os bebês, a principal diferença no calendário vacinal será a redução de uma dose na vacina pneumocócica 10 valente para pneumonia, que a partir de agora será aplicada em duas doses, aos 2 e 4 meses, seguida de reforço preferencialmente aos 12 meses, mas que poderá ser tomado até os 4 anos.

Já a vacina contra a poliomielite, aplicada aos seis meses, deixa de ser oral e passa a ser injetável. A partir de agora, a criança recebe as três primeiras doses do esquema - aos dois, quatro e seis meses de vida - com a vacina inativada poliomielite (VIP), de forma injetável. Já a vacina oral poliomielite (VOP) continua sendo administrada como reforço aos 15 meses, quatro anos e anualmente durante a campanha nacional, para crianças de um a quatro anos.

Também houve mudança na vacina meningocócica C, que protege as crianças contra meningite C. O reforço, que anteriormente era aplicado aos 15 meses, passa a ser aplicado preferencialmente aos 12 meses, mas pode ser feito até os 4 anos. As primeiras doses da meningocócica continuam sendo feitas aos 3 e 5 meses.

Atualmente, o Programa Nacional de Imunizações distribui cerca de 300 milhões de imunobiológicos anualmente, dentre vacinas e soros, além de oferecer à população todas as vacinas recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no Calendário Nacional de Vacinação.

Aline Leal - Repórter da Agência Brasil
Edição: Maria Claudia

Acesse no site de origem: [Vacina contra HPV para adolescentes passa a ter uma dose a menos \(Agência Brasil, 05/01/2016\)](#)